

A detailed red-toned sketch of a cityscape, likely Blumenau, showing various buildings, streets, and trees. The style is a fine-line drawing or etching. The title 'Blumenau em cadernos' is overlaid on the top part of the sketch.

Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Janeiro de 1988

Edição 372

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos
Móveis Rossmark
Artur Fouquet
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Paul Fritz Kuehnrich
Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Janeiro de 1988

Edição 372

SUMÁRIO

Página

Jubileu de Prata do Grande Hotel Blumenau	2
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff ...	3
A História de Neu-Breslau (Atual município de Pres. Getúlio) — Victor Schleiff	5
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	12
Carta do Leitor	14
Relatório anual das atividades do Museu da Família Colonial - 1987	15
Cs Botocudos do Rio Plate — José Deeke	17
Aconteceu... — Dezembro de 1987	22
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes ...	23
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini	26
Fundação "Casa Dr. Blumenau" recebe valiosos benefícios da Ale- manha	31

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 70,00 + 30,00 (porte) = 100,00
Número avulso Cz\$ 10,00 — Atrasado Cz\$ 20,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

S9.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Jubileu de Prata do Grande Hotel Blumenau

Dia 16 de dezembro de 1987, foi registrada a passagem dos 25 anos de fundação do Grande Hotel Blumenau, cuja iniciativa de construção coube à Cia. Melhoramentos Blumenau, com a participação acionária de grande número de pessoas da comunidade blumenauense e do vale do Itajaí.

O acontecimento foi marcado com um coquetel realizado no salão de mármore daquele estabelecimento, no mesmo dia, contando com a presença de numerosas pessoas representando os diversos segmentos da comunidade.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", através do Arquivo Histórico, promoveu uma exposição de fotos antigas, mostrando o primitivo e mais importante hotel que Blumenau possuiu, no mesmo local, e que era o Hotel Holetz, demolido na década de 1960 para dar lugar ao hoje imponente edifício do Grande Hotel, exposição esta que foi bastante admirada por todos.

Ao oferecer o coquetel comemorativo, o sr. Cláudio Gaertner, presidente do Grupo Garden, majoritário do controle acionário do citado estabelecimento, pronunciou as seguintes palavras:

"O Grupo Garden não poderia deixar passar a data em que a Cia. de Melhoramentos Blumenau comemora o seu jubileu de prata, sem prestar sua reverência àqueles que creram e crêem no progresso de sua comunidade.

É isto o que, neste momento, fazemos, sem grande alarde, é verdade, mas com total sinceridade.

O empreendimento que, afinal, se consubstanciou neste edifício, passou por épocas áureas, até que, com sua estatização, teve quase que completamente desfigurados seus objetivos.

No momento em que o governo federal decidiu privatizar as empresas não rentáveis, nosso grupo pôs-se em campo com o propósito de, repondo as coisas em seus lugares, alcançar no seu devido tempo aqueles ideais.

Não foi fácil nossa luta; entretanto, e é com orgulho que o dizemos, vimos coroadas de êxito nossas pretensões, tanto assim que fomos os primeiros a conseguir privatizar no Brasil um bem da União.

Hoje, nele estamos reunidos e é promessa nossa de que o haveremos de fazer reviver as glórias passadas, para o bem de nossa comunidade, e homenagem àqueles que tiveram a idéia e a tenacidade de concretizá-lo.

Agradecemos a todos os que, atendendo nosso convite, gentilmente aqui vieram e esperamos que se sintam como se estivessem em suas casas, para alegrar-se conosco neste dia de festa. Muito obrigado."

VOCÊ SABIA?

— QUE a Sociedade de Atiradores de Indaial, foi fundada no dia 22 de março de 1875?

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1852.

Notícia de 27 de janeiro de 1866, referente aos voluntários da Guerra do Paraguai:

Dona Francisca. — Recebemos de nossos voluntários o seguinte relato:

"A bordo do vapor São Miguel, 2 de dezembro. — Antes de partir, prometi dar notícias sobre todos os acontecimentos de nossa vida, e assim começo hoje, embora o faça resumidamente.

No domingo, 26 de novembro, depois da parada e da bênção de todos nós, cerca de 1.400 homens, embarcamos. No dia 28 o nosso navio levantou âncoras e lá fomos, pelo mar aberto, com mais 300 poloneses a bordo e como suplemento o enjôo. Às 9 horas da noite de 29, com bom tempo e viagem esplêndida, chegamos à altura do Rio Grande e a 30 de novembro às 6 horas da manhã, passamos o limite do Brasil, a 1.º de dezembro às 6 horas da manhã, o farol de Maldonado e às duas horas da tarde entramos no porto de Montevideu. Às 4 horas da tarde fomos à terra, três oficiais brasileiros e quatro alemães. Que cidade fascinante, essa Montevideu, toda construída em estilo oriental! Durante a noite toda, movimento intenso nas ruas, sob a profusa iluminação a gás, todas as casas comerciais em atividade, também as igrejas abertas, e quantas mulheres formosas! Quem poderá nos levar a mal, se aproveitarmos a noite inteira, para ver o mais possível, para escutar e nos divertir — tudo, naturalmente, nos limites de descência.

Neste momento estou escrevendo estas poucas linhas em meu camarote, em balanço contínuo, ajoelhado em frente ao meu colchão, mas agora preciso terminar, pois o dever me chama. Amanhã seguiremos pelo La Plata até Corrientes.

16 de dezembro. — Ainda continuamos navegando no La Plata, é um rio imponente, porém com inúmeros baixios e precisa ser navegado com grande cuidado, devido ao atual nível de água e por isso a viagem se prolonga. Encontramos no trajeto 11 navios de transporte encalhados e nós mesmos encalhamos 4 vezes, mas sempre nos safamos bem. Estamos levando um navio de guerra em reboque e nos encontramos a dois dias de viagem abaixo de Corrientes, se bem que esses dois dias poderão se transformar em quatro, pois o navio só pode fazer 15 léguas por dia e à noite não se navega. Neste momento o comandante está em terra, para adquirir carne, mas aqui onde em outros tempos pastavam milhares de animais, quase não se encontra um único boi. Tudo saqueado! Mais para o sul era fácil encontrar o nosso sustento, lá os campos infinitos estavam realmente "semeados" de gado de toda a espécie. As capivaras, assim como também outra caça

abundante, são tão mansas, que esperam calmamente a aproximação do vapor. Já obtivemos ali muita caça saborosa!

Baurath faleceu! — Está sepultado defronte da cidadezinha de La Paz, na margem direita do La Plata.

Neuschäfer ainda continua com febre, os outros estão bem. A nossa missão após a chegada a Corrientes, é servir de proteção a um navio de guerra. Deixaram à decisão dos oficiais alemães a escolha; ou seguiríamos com as tropas de terra ou ocuparíamos um navio de guerra, e nós preferimos o último. Parece, realmente, mais perigoso ficar exposto ao fogo das baterias num navio, mas as marchas em terra, com a incômoda e pesada bagagem às costas, através de matagais de seis a sete pés de altura, sem caminhos, sem passagens, por pântanos e atoleiros, por rios sem pontes — são mais penosas ainda e eu, por mim, prefiro tombar no meu posto de soldado, a morrer miseravelmente em marcha, sem ajuda, que não se pode conseguir. O calor aqui é terrível.

Lebranças de todos os voluntários de Dona Francisca a todos os parentes e amigos em nossa Colônia.

20 de dezembro. — Desde ontem nos encontramos a bordo do vapor Araguari comandado por um oficial alemão, o comandante Hoonholtz e que já se distinguiu sobremaneira em seis combates, principalmente na batalha do Riachuelo. É bem verdade que o serviço a bordo enerva a muitos, mas temos boa alimentação e estamos todos bem. Os homens recebem às cinco da manhã, um gole de cachaça, às seis café e quatro torradas, ao meio dia 3/4 de libra de carne com bom legume, depois um gole de cachaça e às cinco ou seis horas da tarde caldo de carne com 1/2 libra de carne. Louis Richter foi promovido a alferes, von der Osten a primeiro sargento e Emil Gaensly a furriel. O inimigo se encontra a uma hora de distância de nós e pode ser esperado a qualquer momento. Por isso, todo o contingente fica de prontidão, sempre a partir das duas da madrugada. Durante a noite, um oficial da marinha e um de nós com 30 homens ficam de prontidão e os postos são revisados de 10 em 10 minutos. Os indígenas nos divertem muito, são tipos grotescos, principalmente as mulheres, que não usam camisa, nem mesmo crinolina — andam “ao natural”, conforme Eva...

Doação de livros à Biblioteca

É com satisfação que registramos, hoje, o recebimento de mais uma valiosa doação de importantes livros destinados às estantes de nossa Biblioteca. Trata-se de Desire Guarani e Silva, residente à Alameda Rio Branco, 378, que teve a bondade de doar nada menos do que 51 volumes, todas obras atualizadas e de grande valor literário, dentre a maioria grandemente procuradas pelos usuários. Os nossos pehorados agradecimentos ao doador.

A História de Neu-Breslau

(ATUAL MUNICÍPIO DE PRESIDENTE GETÚLIO)

Victor Schleiff

1904 — 1929 — Publicação festiva pela passagem dos 25 anos de fundação do centro urbano e escola de Neu-Breslau (Nova-Breslau)

Foi no dia 1.º de junho de 1904, na confluência dos rios Índios e Krauel, que um grupo de imigrantes fez seu acampamento. Eram homens fortes e dispostos, que ali queriam estabelecer uma nova Pátria. No mesmo dia derrubaram a primeira árvore e como na maioria eram suíços, deram em homenagem à sua Pátria de origem, o nome de "Neu-Zurich" (Nova Zurique).

Começou então o trabalho em conjunto, a derrubada das árvores, os lotes de terras foram distribuídos e as famílias passaram a ocupar seus ranchos. Os colonos eram: Grage, W. Göbel, Leitis, Alexandrovitch, Krumm, Eberhard, Stefan, Guths, mais os irmãos Wenzel, Stunitz, Knöbl e kipfer.

O trabalho prosseguia em ritmo acelerado. Os que possuíam uma pequena reserva de dinheiro, contratavam nativos que entendiam melhor do trabalho.

Esperançosos, os colonos acreditavam no progresso de sua colônia e já em 1.º de setembro, reuniram-se para tratar da construção da escola. Pois para o colono germânico, em primeiro vem o seguinte: Como vamos educar nossos filhos? Em seguida: O que vamos comer e beber? Para por último perguntar: O que vamos vestir?

Nos anos seguintes, 1905 e

1906, ainda foram preparadas mais algumas colônias no rio Índios acima e ali estabelecidos colonos.

No dia 1.º de junho de 1905, um ano depois que fora derrubada a primeira árvore, os colonos fizeram uma pequena festa, onde reinou grande alegria, e resolveram então considerar este dia como o da fundação que anualmente festejariam.

A terra fértil no Krauel e Índios, lhes trouxe boa colheita, compensando o árduo trabalho. Quando em 1906 festejaram mais um ano de fundação, tinham a certeza de que a Colônia progrediria e se tornaria a nova pátria que todos procuravam. A festa passou em muita alegria.

Sabiam que na floresta e Serra da Alta Hansa, perambulavam selvagens, que anteriormente já haviam causado problemas aos moradores de Blumenau. Índios de um grupo que eram hostis aos colonos do Vale do Itajaí. Até o presente momento, no entanto, só poucos viram os botocudos, como eram chamados. Às vezes notavam sua presença pelo desaparecimento de uma serra, um machado ou uma peça de roupa.

Em outubro porém aconteceram ataques sangrentos, um após o outro. Primeiro foi atacado um colono no Scharlach, com flechas nas costas. Uma semana mais tar-

de a casa do colono Krause foi atacada e a filha de treze anos morta a pauladas.

Creio que não erramos ao dizer que estes ataques dos selvagens, não eram propriamente o instinto de matar; mas eles sentiam-se atraídos pelos objetos pessoais dos moradores, pois se deve ter em mente que para eles, um simples colono era um homem rico. Se houvesse sido estabelecido um contato anterior com eles, talvez se pudesse ter evitado muito derramamento de sangue.

Desta forma os moradores de Nova Zurique, ficaram muito apreensivos. Em cada ruído de um galho quebrando, viam um índio escondido atrás do tronco. Pedras que caíam em seus telhados, eram atiradas pelos bugres. Num trabalho tranqüilo não mais podiam pensar. Os homens trabalhavam com a enxada em uma mão e a espingarda na outra.

Quem podia criticar os pais pelo receio que tinham pelos filhos, que querer resguardá-los do destino cruel de uma Helena Krause?

Ainda acontecia que da terra recém-revolta, exalava um odor fétido, que transmitia a febre. Milhares de mosquitos infestaram o lugar espalhando a malária, fazendo com que os instrumentos de trabalho caíssem das mãos enfraquecidas.

Este final de ano foi terrível. Então um dos colonos começou a juntar seus pertences e abandonou o lugar, que antes haviam visto com tanta esperança.

A Companhia Colonizadora

Hanseática, tentou estabelecer novos colonos, mas ninguém queria ficar, e por muitos anos foi um ir e vir.

A terra fértil seduzia para uma próspera colônia, mas logo seus moradores eram afugentados pela febre.

No Índios, mesmo no ano de 1909, Wilhelm Göbel era o único morador. Também ele fora atacado pela febre, que o deixou inativo por quase um ano. Ele também gostaria de ter ido, mas de onde tirar o dinheiro? Em vender a terra nem podia pensar — e hoje estou feliz — declara Göbel — porque naquele tempo fiquei firme mas era obrigado.

Depois de 1909, vieram outros colonos de outros núcleos, em especial de Brusque. Os trabalhos foram reiniciados com mais vigor e a floresta cedia. Quanto mais a terra era limpa e exposta ao sol, mais secava a área pantanosa, e menos mosquitos proliferavam. Também os índios estavam mais tranqüilos. Só mais uma vez tentaram um ataque e este foi aos colonos Dörlitz e Hähner. O primeiro recebeu uma flexada através do paletó sem o ferir. Ambos perderam suas ferramentas, mas escaparam com vida.

As colheitas nos anos 1910 e 1911 foram excelentes e aos poucos a Colônia crescia e a vida dos colonos entrava num ritmo mais tranqüilo e constante.

Foi então que foram vítimas de um novo golpe do destino. Em setembro de 1911, a grande enchente que se abateu sobre Blumenau, também atingiu Hammö-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

nia, destruindo as plantações. Seguiu logo uma praga de lagartas que acabaram com o que havia sobrado.

Mas justamente esta enchente trouxe benefícios para a Colônia. Até então o contato com Hammônia tinha sido feito através de Neu Bremen. Apesar de que de Hammônia uma estrada seguia pela margem direita do rio Hercílio até Nova Stetin. Mas se quisessem ir de Neu-Breslau para Nova Stetin, tinham que passar por Nova Bremen, Nova-Berlim e ali por balsa, que ainda não existia por Hammônia; era um trajeto de pelo menos 24 km. A enchente deu espaço a uma interrogação: será que não conseguimos uma estrada pela margem esquerda do rio Hercílio? Razão porque o terceiro dia do feriado de Espírito Santo, os senhores W. Göbel, Kaerske, Hachnert e mais cinco companheiros, saíram à procura de uma forma de comunicação por Nova-Stetin. Os 2.040 metros de distância do Weissen Rössel (Cavalinho Branco) até Nova-Stetin foi iniciado com toda a força. Sem auxílio da Cia. Hanseática ou do governo estadual, os moradores construíram a estrada. Em especial destacaram-se os jovens ginastas, e por este motivo a estrada foi chamada de "Turnerstrasse" (Estrada dos ginastas).

O senhor W. Göbel havia instalado para a nova colônia uma venda. Mas como os colonos, apesar de trabalhar, tinham pouco recurso financeiro, ele se viu obrigado a vender a crédito. Para cumprir seus compromissos com seus fornecedores, resolveu parcelar suas terras; o mesmo fez também o colono Rickmann, que

havia adquirido a antiga Colônia de Grage.

Deste parcelamento de terreno surgiu agora o centro urbano. O primeiro que adquiriu uma destas parcelas, foi um fabricante de chinelos e tamancos, que também exercia a profissão de barbeiro.

Na inauguração da nova escola no dia 10 de maio de 1914, o diretor colonial, senhor Mörsch denominou o novo lugar de Neu-Ereslau.

Mas mesmo assim o medo dos índios dominava os que pretendiam instalar-se nas terras acima de Neu-Breslau. Somente no ano de 1914, quando o senhor Eduardo Hoerhan, contactou com os selvagens e os fixou em seu lugar, eles tornaram-se mais pacíficos e a Colônia começou a progredir.

A colonização teve início realmente com a entrada do Brasil na primeira guerra mundial, e logo depois da assinatura do armistício. Nesta época começou principalmente a colonização por colonos já anteriormente fixados em outros núcleos e mais tarde por imigrantes.

As terras nos Índios e Pinheiros que já haviam sido medidas em 1904 por Kurt Rupp, foram agora lotadas.

No Tucano e Eisenbach em abril de 1913 até 1914, foram medidas as terras e vendidas pouco a pouco.

As terras no alto Rio dos Índios, como seus afluentes: Ribeirão da Paca, da Canella, do Tattette e Jacutinga, foram medidas em 1918. Ali, em 1.º de maio de 1918, o primeiro colono, senhor Wilhelm Niebuhr, comprou o lote número 1002. No no seguinte Richard Kretzschmar abriu o primeiro negócio no ribeirão Canella,

ativando assim o progresso da região dos Índios.

Em setembro de 1913 foi medido a região de "Revolverbach" (Ribeirão do revólver) e ocupado por colonos vindos de outros núcleos.

Já no ano anterior em 1917, começou a medição do Vale do Krauel e em seguida o loteamento do Ribeirão do Uru. O primeiro lote ali de número 1216, foi vendido em 4 de agosto de 1919. O seu atual proprietário é o senhor Machota.

Veio depois a medição da parte que correspondia a Dona Emma. A colonização foi feita rapidamente. Os primeiros colonos foram os senhores Albert Koglin e Andreas Schwarz. Ambos cooperaram muito com o progresso do lugar. A região superior do Rio Dona Emma foi principalmente colonizada por russos brancos que ainda hoje encontram-se lá.

As terras junto ao caminho de Boa Vista, Posto e Tatú, foram medidas em 1920 e na sua maior parte, colonizadas por imigrantes que tiveram que abandonar a Alemanha, após o infeliz resultado da guerra e angariados pela Companhia Colonizadora Hanseática. Mas das 16 famílias ali estabelecidas a maioria abandonou o lugar.

As últimas medições foram feitas nos anos de 1921-1923 e aconteceu na Serra Vencida, Nova Helvétia, Caminho da Urucurana, Caminho Bernburg, Caminho Stimming, Caminho Molturrann, junto ao Krauel Central e Krauel Alto. Nesta região encontram-se ainda os maiores lotes vagos e ainda não vendidos.

Para toda a região acima mencionada, Nova Breslau é o ponto central indicado. Todas as

estradas vindas do interior concentram-se ali. Quanto mais a colonização se desenvolve na alta região, tanto mais nosso centro urbano progride. E realmente a nossa cidade tornou-se nos últimos anos um lugar progressivo. Uma padaria e um açougue, não só abastecia a cidade mas também a região vizinha. Também no Rio de Janeiro e São Paulo sabe-se valorizar a lingüiça feita em Neu Breslau, o presunto e o chucrute, como outras conservas ali fabricadas. Uma cervejaria local, como uma fábrica de gasosa e licores, abasteceram a cidade. Quatro hotéis recebem visitantes e turistas; em seus salões se reúne a juventude para suas danças ao som de um acordeão ou bandô-nion.

Um moinho prepara o milho para delicada farinha, mas os colonos também habituaram-se a preparar seu pão com farinha de trigo. Nos armazéns pode-se encontrar quase tudo que é necessário. Nossas florestas são ricas em madeira e diariamente seguem para Itajaí caminhões carregados com ela. Muitas vezes queremos exclamar em voz alta: "Deixem algumas árvores para que seus netos possam construir suas casas!"

Desde 1928 Nova Breslau tem seu próprio correio e esperamos em breve ter um posto telegráfico.

Católicos e protestantes vivem em harmonia em Neu Breslau. Os primeiros em número inferior, mas já construíram uma bonita igreja e residência para os padres. Os protestantes cuidaram primeiro da casa paroquial, a construção da igreja ainda está pendente.

O transporte de Neu Breslau se faz quase exclusivamente por Blumenau. Uma vez por semana temos ônibus. Quem já, num tempo chuvoso, passou pelo Morro do Cocho e talvez lá teve que pernoitar, ou seguir a pé no caminho lamacento, prefere passar por Hansa. Que um dia haverá uma linha férrea até aqui, isto somente nossos netos verão.

PARA A CRÔNICA DA ESCOLA DE NEU-BRESLAU DE 1904

(Escrito por Heinrich Polaul)

Seja onde for que o colono alemão se estabeleça na floresta brasileira para construir sua existência, sua primeira preocupação é a construção de uma escola para seus filhos. Muito antes que ele esteja em condições favoráveis ou mesmo tenha certeza que este lugar lhe trará o que tanto espera, ele inicia com energia a construção de uma escola.

A alta Hansa, parte da Colônia que se estende desde o centro de Neu-Breslau pelos Vales do Krauel e Índios, hoje se estende uma rede de escolas que em sua maioria distam entre si mais de 1 a 2 horas. Entre todas elas a de Neu-Breslau é a mais antiga. Seu desenvolvimento não difere muito das outras; começou humilde e lutou com sacrifícios, pois faltava dinheiro como também professores preparados. Só algumas crianças de várias idades estão ali e querem estudar.

Como professor, esforça-se em princípio, um imigrante culto, que sabe ler e escrever e dá aula para as crianças. Depois da aula maneja a pá e a enxada como todo outro bom colono.

Como sala de aula serve qualquer rancho ou a sala de uma casa de colono. Alguns livros escolares são doados por outras escolas já existentes. Recebia depois uma ajuda financeira da Cia. Hanseática que fez muito por sua escola na Colônia. Assim com o tempo se pode conseguir um ensino um pouco mais ordenado.

No ano de 1904, com a vinda do primeiro grupo de imigrantes na maioria suíços, foi construída a primeira escola. Um professor foi encontrado na pessoa do colono Grage, que viera como mentor de um pequeno grupo de Batistas de Zurique. Grage fizera seus estudos num seminário em Hamburgo. O maior problema era o recinto da escola. Foi quando o velho Wenzel, na reunião, lembrou ao senhor Grage: que este tinha um grande e bonito chiqueiro. Como seria se o senhor não o cedesse? Pois porcos ali não existem. Esta foi uma brincadeira, mas o assunto se tornou sério. O senhor Grage colocou o chiqueiro à disposição e nele funcionou a primeira escola de Nova Zurique. Mesas e carteiras foram construídas de troncos de palmeiras; até os colonos solteiros ajudaram, entre eles Wilhelm Göbel, que mais tarde foi e continua sendo o presidente da comunidade escolar de Neu-Breslau.

Sobre os primeiros dois anos de atividades pouco mais se sabe. A jovem comunidade pouco protocolou. O inventário da nova escola em 1905 contava com: 4 carteiras, 1 armário, 2 mapas fornecidos pela Câmara Municipal de Blumenau e alguns livros usados. Em 1906, veio um quadro negro para enriquecer o ambiente. No ano de 1905 todas as escolas da re-

gião foram unidas sob a direção do inspetor escolar, Dr. Aldinger.

Das atas existentes soube:os que a escola em pouco tempo pôde abandonar o chiqueiro. A direção da Colônia cedeu uma soma de Rs. 2.000\$000 para a construção de uma escola.

Nos anos 1907 e 1908 o quadro muito pouco se modificou. O número de alunos subiu outra vez para 15, depois 21. A situação financeira da escola não aumentou. Foram ao contrário, anos de retrocesso sob todos os aspectos. Um a um os antigos colonos abandonavam a Colônia. Assim em 1909 o professor Grage igualmente deixou o lugar com sua família, como também o suíço Rudolph Guth, que era presidente da Sociedade escolar. Com o novo professor, Paul Müller, a escola chegou a seu ponto mais negativo. O número de alunos em 1910 caiu para 10. A 6 de novembro de 1910, o presidente da Sociedade, Paul Krause, escreve ao Dr. Aldinger, comunicando que pediu ao professor P. Müller dispensar já neste mês os alunos, porque com um número tão reduzido até a escola corria o risco de não continuar. O interesse pela escola realmente não existia e as subvenções não mais serão prestadas. Mas além disto só por rivalidade pessoal as crianças não são mais enviadas para a escola. É um quadro triste e negativo descrito aqui por Krause. Mas ele enganava-se, o interesse pela escola não havia

desaparecido. É preciso compreender melhor a situação dos moradores, esta vida árdua à margem da floresta. Desespero e zborrecimento se havia apossado dos colonos, devido ao precário sucesso e a preocupação pela subsistência. Esta situação realmente levou as pessoas ao desânimo e à agressividade e esta também atingiu a escola. De fato a situação dos colonos do Krauel não era nada boa. A Cia. Hanseática havia auxiliado muito, principalmente nestes anos críticos e o diretor Mörlich muito ajudou e favoreceu os colonos. Hoje sua sepultura está totalmente abandonada no cemitério local, prova evidente do esquecimento dos beneficiados.

A desventura dos colonos no Krauel era causada pela grande e desconfortável distância que os separava da Hammônia. Os ataques dos bugres e a febre os fez desanimar e abandonar suas terras. No relatório escolar menciona-se que as muitas faltas das crianças era devido aos ataques de malária que muitas vezes surpreendia as crianças em plena sala de aula.

Veio então o ano da desgraça. Depois desta tragédia, muitos pais se viam impossibilitados de pagar a escola, por mínima que fosse a contribuição.

Porém o ano de 1912 trouxe uma mudança no destino da escola. O que havia acontecido? Os colonos criaram novo ânimo ou

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

foi a mudança na direção da escola? O pessimista Krause foi substituído pelo ex-diretor da Cia. Hanseática pessoalmente. Agora concretizava-se o desejo de todos e uma escola boa foi construída, sendo inaugurada em 10 de maio de 1914. O número de alunos crescia e este acréscimo bem mostrava a mudança que havia acontecido no Krauel. Uma onda de novos colonos veio principalmente das velhas Colônias Blumenau e Brusque.

Aos poucos também aumentava o número de associados da comunidade escolar. Após a direção do diretor Mörsch, esta passou para Karl Dorow. Em 1915 quem assumiu foi Wilhelm Göbel que até hoje se mantém na presidência, que tinha a seu lado o fiel administrador Otto Neumann.

Em relação aos professores, continuava no entanto, a deficiência. Professor Paul Müller que ficara nos piores anos, deixou o cargo em fins de 1911. Partiu para Rio Serros, onde até hoje dirige uma excelente escola. Este foi substituído por Ernst Adolph, que ficou ali de 1.º de dezembro de 1911 até 1.º de maio de 1912, quando foi à Nova Bremen. De-

pois foi o professor o senhor Joseph Hiller, que hoje também vive em Nova-Bremen. No dia 3 de agosto de 1914, recebeu o cargo de professor, um jovem de 22 anos, senhor Kurt Richter, que veio da Saxônia. Saiu a 2 de abril de 1916. Kurt Haehnerdt, também da Saxônia, é atualmente um respeitável colono em alto Índios. Em 1.º de janeiro de 1917 veio o austríaco Karl Zechner. No mesmo ano, devido a ruptura das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, a escola foi fechada. Em 8 de abril de 1918 a escola foi reaberta com Kurt Stroisch, como professor permanente. Este jovem de 19 anos havia sido preparado para este cargo pelo Dr. Aldinger. O mesmo professor permaneceu em seu posto por 11 anos, quando foi nomeado Intendente Municipal do distrito de Hammônia. O cargo de professor foi substituído pelo senhor Wilhelm Hartmann. Em 1922 foi construída uma casa de tijolos, anexo à escola para residência do respectivo professor. Também é preciso pensar no futuro, pois já as dependências da escola estão ficando pequenas e a comunidade tornando-se maior.

(Tradução: Edith S. Eimer)

VOCÊ SABIA?

— QUE a primeira igreja de Belchior foi inaugurada no dia 28 de setembro de 1924 e que o sacerdote que celebrou a primeira missa, após inaugurada, foi o Frei Daniel?

— QUE o Posto Duque de Caxias, do Serviço de Proteção aos Índios, localizado no Rio Plate, próximo a Ibirama, foi instalado no dia 23 de setembro de 1914, que ficou sob a direção de Eduardo Hoehrann de Lima e Silva?

— QUE a primeira estação telefônica de Rodeio foi inaugurada no dia 19 de outubro de 1924?

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

“Cambada de Mentiroso”, antologia de crônicas publicada pela Editora Lunardelli (Florianópolis — 1987), reúne os mais expressivos cronistas que militam nas letras de nosso Estado. São eles Flávio José Cardozo, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Júlio de Queiroz, Sérgio da Costa Ramos, Silveira Júnior e Silveira de Souza, todos nomes dos mais conhecidos e alguns deles com obras de outros gêneros literários. Pode-se dizer que, com uma ou outra exceção, este livro juntou os melhores cronistas do Estado, faltando apenas um ou dois nomes para que fosse completo nesse gênero tão difícil da arte de escrever.

Os trabalhos publicados são de grande nível e, ainda que sem pretender estabelecer comparações, destaco a crônica “Fantasias”, de Jair Francisco Hamms (pág. 54/55), onde o autor tem lances que atingem a perfeição. Captou o tema cronicável com rara felicidade e refinado humor, a exemplo daquele cão sarnento e vira-lata que depարou com o personagem, fantasiado de mendigo, “nos fundos de um terreno baldio e não sabia se ladrava ou uivava.” Também quando o mesmo personagem, fantasiado de fidalgo Dom Quixote de La Mancha, entrou em campo e se pôs a investir contra os moinhos da Sadia e, finalmente, quando se fantasiou de mulher com tanta perfeição que “a noite ganhava a sua mais linda, buliçosa, esfuziante e sensual mulher.” E que, para encerrar a estória, morreu de parto.

Esse ligeiro exemplo dá bem a medida deste livro que se lê com prazer e que contém peças literárias que nada perdem para qualquer literatura feita no País.

— . . . —

Talvez pelo fato de que as crônicas tenham aparecido na imprensa antes de comporem o volume, “A Caudilha de Lages”, segundo livro de Márcio Camargo Costa (Florianópolis — 1987), não causou o mesmo impacto e nem despertou o mesmo interesse que o anterior. Parece que a publicação do trabalho ficcional nas páginas efêmeras dos jornais tem o efeito de desgastá-lo, como tenho observado em tantas ocasiões, até mesmo no ensaio crítico cujo destino é em geral a imprensa. Não obstante, as crônicas regionalistas e os “causos” aqui reunidos em nada perdem para aqueles que vieram no livro de estréia do autor.

O regionalismo de Márcio Camargo Costa, talvez pelo fato das dificuldades de publicação, retoma um caminho que essa corrente literária aparentemente já havia abandonado em nosso Estado, isto é, aquele regionalismo típico, que reforça a linguagem local, nos moldes do Tito Carvalho, influenciado pelo gaúcho Simões Lopes Neto. Num sentido cronológico, o regionalismo catarinense procurava abrir novas

veredas, desligando-se daquele modelo e anotando a presença forte do italiano e do polonês na vida do planalto, mesclando as culturas por eles trazidas e a do nosso caboclo. Os "causos" do autor lageano são a continuidade mais aproximada da linha estabelecida por Tito Carvalho, apesar do lapso de tempo existente entre os dois, tudo indicando que daqui para frente o regionalismo do planalto catarinense seguirá dois rumos diferentes, o dos típicos, mais conservadores, e o dos mais modernos, já retratando uma região que sofreu as inevitáveis alterações impostas pelo progresso. O importante, porém, é que a estante regionalista catarinense tem crescido.

Entre os novos lançamentos acontecidos no Estado, registro "Poemas de Amor ao Pequeno Príncipe", de Abília Maciel de Athayde; "Santa Catarina — História da Gente", de Walter F. Piazza e Laura Machado Hübener, e "Cartilha — Primeiras Leituras", de Jandira D'Ávila, todos publicados pela Editora Lunardelli. Entre as Revistas, registro "FURB — Revista de Divulgação Cultural", órgão da Universidade de Blumenau, contendo ensaios de Humberto Jasso Barrera, Klavala Ramanuja Rao, Edison Mueller, Marita Deeke Sasse e Nelson Roberto Novelli, acompanhada do Boletim Informativo do Departamento de Matemática, e "Pantanal", Revista Cultural da ELASE (Florianópolis), contendo contos, crônicas, reportagens, artigos, poesias, cinema, pintura e opiniões. Merecem destaque as matérias sobre Cruz e Sousa e sobre a literatura contemporânea de Santa Catarina, esta última subscrita por Celestino Sachet.

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina — AESC, promoveu a "I Noite da Literatura Catarinense", no saguão da Assembléia Legislativa, com a presença de numerosos autores catarinenses, em lançamento coletivo. Nessa ocasião foram homenageados os escritores eleitos como destaque do período 86/87, e que foram os seguintes: Flávio José Cardozo (cronista), Glauco Rodrigues Corrêa (romancista), Hugo Mund Júnior (poeta), Lauro Junkes (crítico), Silveira de Souza (contista), Urda A. Klueger (romancista), José Gomes Neto (animador literário), além de outros órgãos e personalidades que prestigiaram as letras naquele período. A AESC promoveu também na sua sede, o lançamento coletivo de obras dos escritores Carlos Cidade, Hugo Mund Júnior, José Endoença Martins, Mila Ramos, Neuri Rafael Krahl e Vinicius Rosa Alves.

Foi fundada na cidade de Tubarão a "Academia Sul Catarinense de Letras", congregando autores da região, cuja instalação ocorreu a 11 de dezembro de 1987, contando com a cobertura do Departamento Municipal de Cultura daquela cidade. Estão circulando: "Árcadi", folha literária publicada na cidade de Mafra; "Galope Poético", edita-

Fundação "Casa Dr. Blumenau" (Depto. Histórico)

RELATÓRIO ANUAL DAS ATIVIDADES DO MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL — 1987

Ao chegarmos ao final de mais um ano pretendemos apresentar os trabalhos realizados pelo Museu da Família Colonial. Objetivando fazer da instituição um órgão vivo, ativo e dinâmico mantenedor da herança cultural que nos foi legada por nossos antepassados, o Museu desenvolveu as seguintes atividades:

I — MUSEOLOGIA

- 1.1 — No decorrer do ano de 1987 foram processadas 432 peças. Deste trabalho constou as seguintes etapas:
- a) Termo de Doação
 - b) Catalogação
 - c) Numeração
 - d) Registro
 - e) Guarda
- 1.2 — No trabalho de fichamento são observadas as seguintes informações:
- Categoria — Objeto, Título/Assunto, Procedência época, modo de aquisição, data da aquisição, Marcas/Assinaturas, Dimensões, estado de conservação, antiga numeração se houver, localização, Descrição e Histórico, Observações, referências bibliográficas, restaurações, exposições, documentos existentes, assinatura e data.

II — DOAÇÕES

- 1 — Edith S. Eimer — três broches
duas correntes
quatro distintivos
três pedras semi-preciosas
- 2 — Rodolf Thomsen
— um espremedor de laranja
uma máquina de madeira para extrair suco de laranja.
- 3 — Max e Edemar Creuz
— 2 palitos de madeira-Haste para ginástica
— 1 bola de couro (ginástica)
— 1 máquina fotográfica (ALFA)
— 1 óculos de grau feminino
— abajur de cobre
— 1 violino
- 4 — Curt W. Hennings
— 1 máquina de costura (marca Greitzner)
- 5 — Edith von Dirinshofen Vogel
— 2 cinzeiros comemorativos Centenário de

- Blumenau
 — 2 pratos
 — 2 pratos metal
 — 1 prato parede
 — 1 prato parede (Paraná)
 Obs. todos comemorativos do Centenário de Blumenau.
- 6 — Dorival Vain — 1 quadro de parede
- 7 — Werner Reimer — quatro ensaios em gesso (para cunhagem de medalhas)
 — 2 caixas de medalhas de porcelana
 — 1 cunho de ferro para medalhas
 — 2 cunhos de bronze
 — 1 xícara do centenário de Blumenau
- 8 — Juta Blumenau Niesel
 — 1 óculos de Grau do Dr. Blumenau
 — 1 porta-guardanapos
 — 1 prato de parede
- 9 — Irene Reuters Ficher
 — 1 xícara de bodas de ouro
 — 2 quadros pintados à mão
- Número total de peças doadas 51 peças.

III — EXPOSIÇÕES

Durante o ano de 1987 foram realizadas seis (6) exposições.

- 1 — Janeiro/Setembro — “O CALENDÁRIO ATRAVÉS DO TEMPO”
 2 — Janeiro/Setembro — “IMAGENS DE BLUMENAU”
 3 — Setembro a Março/88 — “Centenário de Blumenau”
 4 — Setembro a Março/88 — “O VALE EM CARTAZ”
 5 — Novembro — “VINTE ANOS DE MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL” exposta no Pavilhão “A” da PROEB.
 6 — Janeiro/87 — “INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS — ACERVO Dr. ALFREDO HOESS”.

IV — VISITANTES

4.1 — Durante o ano de 1987 o Museu da Família Colonial recebeu a visita de 3.865 pessoas que assinaram o livro de registro.

4.2 — ESCOLAS

A Rede Estadual de Ensino, Municipal e Particular esteve representada com 22 escolas que totalizou 2.460 alunos. As Escolas foram as seguintes:

- 1 — Escola Adventista — Particular
 2 — Colégio Dr. Blumenau — Município
 3 — E.B.M. Prof. Fernando Ostermann — Município
 4 — E.B.M. Alberto Stein — Município
 5 — CEBEM — São Roque — Estadual
 6 — Centro Educacional Pedro II — Estadual
 7 — E.B.M. Prof. Oscar Umberhaum — Município
 8 — Barão do Rio Branco — Particular
 9 — Jardim de Infância FELIZ — Particular

- 10 — E.B.M. Felipe Schmidt — Município
- 11 — E.B.E. de Vila Itoupava — Estadual
- 12 — E.B.E. Luiz Delfino — Estadual
- 13 — Colégio Santo Antônio — Particular
- 14 — E.B.E. Padre José Mauricio — Estadual
- 15 — E.B.M. Pedro I — Município
- 16 — E.B.E. Arno Zadrozny — Estadual
- 18 — E.B.E. Itajaí — Estadual
- 19 — Colégio Sagrada Família — Particular
- 20 — E.B.M. Anita Garibaldi — Município
- 21 — E.B.M. Prof. Alice Thiele — Município
- 22 — Serviço Social do Comércio

V — PUBLICAÇÃO

O ano de 1987 veio marcar a passagem do 20.º ano de atividades do Museu da Família Colonial. Para comemorar o evento foi publicada uma edição especial que narra as etapas vencidas pelo Museu nestas duas décadas e contém ainda o guia que orienta o visitante na descrição das salas da exposição permanente.

VI — PESSOAL

Trabalham atualmente no Museu 3 funcionárias que exercem as funções de atendentes e nas horas vagas (segunda-feira) realizam o trabalho de processamento técnico.

- 1 — KARIN HOFFMANN — Atendente/Processamento Técnico
- 2 — CARMEM HOFFMANN — Atendente
- 3 — HELOÍSA HELENA G. GOULART — Atendente

Blumenau, janeiro de 1988

Sueli Maria Vanzueta Petry

Resp. Setor — Museu da Família Colonial

Os Botocudos do Rio Plate

por José Decke

Não é por menos, que lembremos os feitos memoráveis, realizados por Eduardo Hoerhann, na Colônia Hamônia (Hansa Blumenau). O interesse mostrado pela pacificação dos outrora temidos botocudos, está diminuindo mais e mais, e principalmente os governos — estadual e federal — gostariam de declarar o caso como “despachado”. Não querem compreender, que um relaxar na civilização destes selvagens, aniquilaria todo o trabalho

realizado até agora, restabelecendo de novo a situação de antigamente. Bom seria, se enfocássemos mais uma vez, a situação reinante de antes dos bons resultados obtidos com a pacificação dos índios.

Os botocudos do Plate pertencem a uma tribo que, desde os tempos mais remotos da colonização de Santa Catarina, já era o pavor dos colonos brancos e um grande obstáculo para a colonização.

Eram principalmente temidos, por que realizavam ataques de surpresa de um modo pérfido, de maneira, que os colonos só reparavam na presença dos índios, após estes já haverem conseguido um assalto bem sucedido — matando alguns colonos, despojando e incendiando as suas habitações.

No meu livro "O Município de Blumenau e a História do seu desenvolvimento", reuni um resumo dos assaltos praticados pelos índios, desde a fundação do Município. Podemos assim verificar, que nada menos que 61, foi o número de assaltos praticados, com 41 colonos brancos mortos e 22 feridos.

Mas isto aconteceu somente em Blumenau. Qual seria a estatística para o Estado inteiro? Seguramente cinco ou dez vezes mais!

E nestes últimos cem anos, quais foram os meios empregados para enfrentar esta calamidade! Destacamento de soldados especializados em combate nas florestas foram criados e estacionados em lugares perigosos. Patrulhas eram postas à disposição. Altas somas de dinheiro foram gastas em presentes, estes levados à floresta e abandonados no chão para os selvagens. Missionários vieram e tentaram a sua sorte. Mas tudo foi em vão. Os assaltos continuaram a despeito dos soldados e das patrulhas e apesar dos presentes — estes raras vezes encontrados pelos selvagens. Também os missionários nada conseguiram, pois nem sequer chegaram a ver os botocudos.

Em geral era este o lado mais difícil da coisa; era impossível aproximar-se desses selvagens — nem por bem e nem por mal. Pois eles eram de fato um povo selvagem, que nem de longe admitia a possibilidade de entrar em contato amistoso com os brancos. Assim eles nunca fizeram prisioneiros e também não se deixaram aprisionar. Aproximando-se em demasiado dos brancos, a morte de um era a liberdade do outro. Não havia um meio termo. Exceção com as crianças, que os selvagens muitas vezes arrastavam consigo, como também os brancos, muitas vezes, conseguiram agarrar pequenos botocudos. Era isto que acontecia muitas vezes, principalmente nos últimos anos antes da pacificação dos selvagens, quando apareceu finalmente um homem capaz de enfrentar a agilidade dos índios. Era esta pessoa o Martinho Marcelino de Angelina. Ele perseguia os selvagens com a sua patrulha, assaltando-os enquanto eles dormiam. De preferência escolhiam sempre tribos fracas. Descobriu-se mais tarde, que muitas vezes nenhum índio foi morto nestes intentos, pois estes salvaram-se pela fuga. Os "caçadores de bugres" contentavam-se então com o aprisionamento de algumas mulheres e crianças, levando consigo armas e utensílios encontrados nos acampamentos.

Esta maneira de caça aos índios era mais prejudicial do que útil, pois somente enfurecia os índios mais e mais. Enquanto inicialmente só se matava os bran-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

cos para depois se apoderar de seus pertences, agora atentavam contra a vida dos colonos brancos aonde eles os encontravam, guiados pelo ódio gerado pelo rapto de suas mulheres e crianças.

Assim os botocudos, de ano em ano, levaram adiante o seu ofício sangrento, sem que se pudesse prever o seu término.

Foi no ano de 1910 que chegava a catequese dos leigos, criada pelo governo federal. Esta já de início, nada prometia, pois baseava-se somente na proteção dos índios, sem que se pensasse também na proteção dos colonos. Assim, já de início, surgiu uma grande briga entre a população e a missão governamental. Esta porém levava avante os seus propósitos, criando lá no fundo da floresta, um — assim chamado “posto de atração”. Nada mais era do que uma estação, que, utilizando-se de um gramofone, tentava atrair os botocudos por meio de música. Foi a Colônia de Hamônia que recebeu dois destes “postos”: um no alto do Rio Krauel, o outro no Rio Hercílio, na foz do Rio Plate.

Mas todo o esforço empregado neste sentido foi em vão. Os índios, após descobrirem o posto do Krauel, expulsaram de lá os seus ocupantes. Não dando a mínima atenção às tentativas de conversação, saquearam e incendiaram as construções do posto. Durante este assalto um colono branco foi morto.

Estava provado, que com estes métodos não se poderia pensar numa domesticação dos botocudos. Mas os senhores da domesticação agarraram-se a este sistema. Depois da retirada dos

selvagens a estação do Krauel foi reconstruída.

Com o decorrer do tempo, após o emprego de grandes recursos, o serviço de proteção aos índios foi diminuindo. Os altos funcionários foram removidos e a inspeção de Santa Catarina foi transferida para o Paraná. Felizmente os dois postos da Hansa foram mantidos.

O diretor do posto do Rio Plate foi o sr. Eduardo Hoerhann, um jovem de sentimentos entusiásticos, vindo diretamente do Rio de Janeiro. Mas o sr. Hoerhann já estava farto da situação, pois não se apresentava nenhuma ocasião para que ele pudesse entrar em contato com os índios.

Aconteceu, quando Eduardo se achava casualmente em Hamônia, que a estação do Plate foi assaltada pelos botocudos. Felizmente os habitantes do posto conseguiram se salvar, em parte fugindo — rio abaixo — por terra e em parte pelo rio, utilizando-se de canoas.

Os selvagens procediam, mais uma vez, segundo os meios conhecidos. Utensílios de ferro, cobertores e roupas eram uma boa presa e levados à floresta. Todo o resto foi distribuído e depois incendiado. Um exemplo, quão distante da cultura este povo ainda se achava, levando de todos os víveres somente o milho. Feijão, arroz e o açúcar eram ainda desconhecidos, e, amontoando tudo, inclusive com sal e carne-seca, tentaram botar fogo em tudo. Eduardo, tão logo recebeu a notícia do assalto, dirigiu-se — acompanhado por uma patrulha numerosa — ao Plate, tentando daqui entrar em contato com os selvagens. A princípio havia pouca

esperança, pois no posto só se encontravam amontoados de brasa e — nada de botocudos.

Um índio pacificado, da tribo dos coroados, bradava fórmulas evocadas à floresta, e, como não recebia resposta, o próprio Eduardo tentava a sua sorte com um vocabulário elaborado pelo Dr. Gensch.

O dr. Hugo Gensch, que a seu tempo acolheu uma menina botocuda de nome Martinha, aproveitou a fala da menina, para compor o seu mencionado vocabulário. Quão defeituoso este primeiro livrinho sobre a língua dos botocudos talvez tenha sido, ele cumpriu perfeitamente o seu objetivo. Os selvagens, escondidos ainda à beira da floresta, entendendo algumas palavras pronunciadas pelo Eduardo — responderam, saindo em parte da floresta.

Com isso conseguiu-se muito, muito mesmo. Pois até então nunca tinha sido possível confrontar-se com os índios.

Mas o difícil ainda estava para vir, pois quando os selvagens descobriram que o Eduardo e seu pessoal não portavam armas — estas foram deixadas junto às canoas — os índios se mostraram em toda a sua ferocidade, apresentando arcos e flechas, ameaçando e vociferando.

Aí era o momento em que o Eduardo Hoerhann deu o seu golpe de mestre — jogando fora tudo aquilo que os índios pudessem considerar como uma arma e com os braços bem ao alto, aproximava-se deles. Tanta bravura impressionou até os botocudos. Eles não o mataram, dando-lhe o nome de Katanghara. Katanghara era a madeira dura e resisten-

te da Cabriúva, da qual os índios confeccionavam os seus arcos.

Assim se apresentou o primeiro êxito. Em seguida o Eduardo entregou toda a sua roupa aos índios, com exceção das cuecas e os selvagens voltaram outra vez para a selva. Chegando uma hora mais tarde ao mesmo lugar, os índios voltaram novamente, pedindo desta vez o cachorro que estava em minha companhia. Mas a negociação aconteceu sempre à certa distância, não se aproximando a mais do que cem metros. Trazido o cachorro, eles novamente fugiram e só após um operário ter amarrado o cachorro na proximidade do mato e retirando-se em seguida, é que eles apareceram de novo, para com júbilo tomar posse do cachorro.

Assim a pacificação avançava lentamente e com presentes, como cobertores, roupas e ferramentas é que os índios ganharam confiança.

Mas com o decorrer do tempo chegaram mais e mais destes selvagens e os desejos desta gente se tornaram cada vez maiores. Particularmente agora é que começava a época mais difícil do Eduardo.

Mas os índios confundiam também os conceitos, fazendo idéias, que foram eles que converteram o Eduardo e o trataram também assim. Exigiam dele as coisas mais absurdas e se ele não atendia a seus desejos, amarravam-no à um poste de tortura, fazendo cócegas e picando-lhe com as pontas de suas flechas e de seus arcos.

Eduardo suportava tudo isso, pois sabia — se ele se defendesse e fizesse uso de sua arma, os índios fugiriam de novo para a selva. E isto é que ele não queria,

pois todo o trabalho feito até agora teria sido em vão. Assim: ele foi suportando tudo com uma paciência heróica, esforçando-se em tratar estas crianças da natureza com paciência ao caminho certo.

Com o passar do tempo, Eduardo conseguiu assumir a posição que a ele cabia e os selvagens reconheceram nele o seu protetor. Mas, por outro lado, os índios também eram primitivos e vingativos, de maneira, que Eduardo estava sempre em perigo, pois o amor daquela gente facilmente se transformava em ódio.

O maior obstáculo para uma pacificação mais rápida dos índios, foi porém a falta constante de recursos financeiros. A soma paga anualmente pelo governo federal para a manutenção do posto do Plate, de uma maneira ou de outra, já era insuficiente; além disso, era paga com muita irregularidade. Assim, a subsistência do posto, por muitas vezes, foi ameaçada.

O governo gasta tanto dinheiro, muitas vezes por coisas desnecessárias. Não seria possível dar um pouco mais de atenção aos botocudos do Plate? Exceto o fato, que o governo tem a obrigação reconhecida de cuidar de seus filhos indígenas — pois a terra herdada desde os tempos mais remotos lhes foi tomada — seria agora a melhor oportunidade de regular este assunto de uma vez para sempre. Eduardo o poderia, bastava lhe dar os meios necessários.

Agora é que o assunto em questão deveria ser agarrado com energia; caso contrário, se correria o perigo de anular todo o trabalho realizado até agora. Pois com os limitados meios disponí-

veis atualmente, Eduardo — mal e mal — poderia arcar com o serviço.

Assim termino este meu artigo na esperança, que as autoridades competentes se mostrem compreensivas e que Eduardo não corra o perigo de ver toda a sua obra ruir e desta maneira ficarmos poupados de novos assaltos praticados pelos bugres.

x x x x

Como antigamente, muita gente teve as suas dúvidas com relação a um resultado positivo com o serviço de pacificação dos botocudos, o Eduardo, um belo dia, trouxe mais de cem índios botocudos para uma importante exposição pecuária em Hamônia, para que a população tivesse a oportunidade de ver os selvagens de perto. Nesta ocasião também, a Maria Gensch, aproveitou a oportunidade para se encontrar com membros de sua tribo. A moça chamava-se, em sua língua indígena, Korikrá e era a filha de um alto chefe dos botocudos. Foi no ano de 1906, que ela foi aprisionada, juntamente com mais duas mulheres e outras crianças, por um caçador de bugres de nome Martinho. Foi mais tarde adotada pelo Dr. Gensch. Os índios que vieram com Eduardo ficaram enfurecidos, vendo Korikrá se retirar com seus pais adotivos, pois eles queriam levá-la de volta ao mato. O velho cacique, pai de Korikrá, não sobreviveu por muito tempo ao reencontro com sua filha, falecendo já alguns dias depois, atacado por uma forte gripe.

(Publicado no "Der Christenbote" — Blumenau, 1924) e traduzido do idioma alemão por Alfredo Wilhelm.

— DIA 2 — O engenheiro diretor de informática e microfilmagem da prefeitura, Vitor Hugo assumiu a chefia da Assessoria Especial do Meio Ambiente (AEMA), por designação do prefeito Dalto dos Reis e em substituição ao ecólogo Lauro Bacca, que demitiu-se.

* *

— DIA 2 — Relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura de Blumenau, ao Prefeito Dalto dos Reis, informa que a Patrulha Mecanizada daquela Secretaria prestou serviços de campo e lavoura em 426 propriedades rurais de pequeno e médio porte, durante o mês de outubro de 1987. Foram então colocados à disposição dos agricultores, para estes serviços, 27 máquinas agrícolas da Prefeitura. As máquinas utilizadas naquele período totalizaram 1.200 horas de serviço em geral.

* *

— DIA 4 — Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisas Sociais da FURB, o custo de vida, em Blumenau, subiu em novembro 22,59%. Diz ainda que nos últimos seis meses a variação passou a ser de 112,83%, enquanto que o acumulado desde novembro de 1986 chegou a 497,59%.

* *

— DIA 4 — Depois de uma bela campanha, integrando as equipes que disputaram o título na Segunda Divisão de Profissionais da FCF, a equipe do Blumenau E.C. conseguiu sagrar-se campeã do Estado, ao empatar, em Florianópolis, com a equipe do Figueirense F.C., em 0 x 0.

* *

— DIA 6 — Divulgação da imprensa local, informa que neste mês de dezembro o médico Paulo Mayerle, natural de Rio do Sul e em exercício da profissão em Blumenau há dezenas de anos, está registrando a passagem de seus 50 anos de prática da medicina.

* *

— DIA 6 — A comunidade blumenauense tomou conhecimento através da imprensa de que Irmã Dora, que atualmente presta serviços no Hospital Santa Isabel, completou, dia 22 de novembro, seus 50 anos de bons serviços prestados a várias comunidades através da Ordem das Irmãs da Divina Providência na qual foi iniciada há 50 anos.

* *

— DIA 8 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se, às 20 horas, a apresentação de filmes publicitários premiados em 1987. Foram mais de 100 filmes classificados em três categorias: ouro, prata e bronze. A mostra foi uma promoção do Grupo de Profissionais de Comunicação e Marketing.

* *

— DIA 9 — Na Galeria Municipal de Arte, abriu a exposição

da artista blumenauense Elke Hering, contando com 230 trabalhos. A exposição denominou-se "Elke Hering 30 anos".

* *

— DIA 11 — Foi aberto o 1.º Encontro de Hipertensão Arterial do Vale do Itajaí, no anfiteatro do Hospital Santa Isabel e que contou com a presença de numerosos especialistas, inclusive o Dr. Oswaldo Kohlmann, professor da Escola Paulista de Medicina.

* *

— DIA 11 — A Fundação "Casa Dr. Blumenau" lançou à venda edições especiais comemorativas de vários eventos. A mais importante foi a 2.ª edição do livro "História de Blumenau", de José Ferreira da Silva. Outra promoção foi o livro comemorativo dos 20 anos de instalação do Museu da Família Colonial. Esta revista histórica também registrou, em novembro de 1987, os seus 30 anos de circulação mensal ininterrupta.

* *

— DIA 15 — Começou, na Itoupava Central, o desmatamento de uma área que é a de acesso para aterrissagem de aviões no aeroporto Quero-Quero. Com a medida está possibilitado o pouso de aviões do tipo "Brasília".

* *

— DIA 18 — No andar térreo do Hospital Santa Isabel, a Rede Feminina de Combate ao Câncer inaugurou suas novas instalações, bastante melhoradas para continuar atendendo com eficiência.

A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes

N.º XIII — recebido a 30 de agosto de 1855 como n.º XII — respondido a 5 de setembro de 1855.

Lichtenburg, 24 de março de 1855.

Meu querido pai!

A notícia do meu noivado você já deve ter recebido, desta vez posso comunicar-lhe o meu casamento. Eu só fui noivo por 6 semanas. Queria ficar noivo pelo menos por um ano, mas certas circunstâncias forçaram-me a casar logo. O principal motivo foi que o pastor evangélico, pastor Höltzer, de Dona Francisca, encontrava-se em Blumenau; foi o primeiro religioso da nossa cren-

ça que veio ao Vale do Itajaí. Como as viagens aqui são demoradas e difíceis não sabíamos quando viria um pastor novamente até aqui e por um padre católico eu não queria ser casado. Em segundo lugar, foi que eu perdia muito tempo com as visitas que fazia a ela e em terceiro, os pais dela tinham muito trabalho em sua propriedade; com chuvas ou sem elas tinha que trabalhar muito. Como sofre muito com dor de dente, aqui ela tem pelo menos a

oportunidade de cuidar-se um pouco. Ao mesmo tempo queria que ela se aperfeiçoasse na costura, tricô e crochê e em casa ela não teria oportunidade para isto.

Segunda-feira, dia 19 de março, foi o casamento e dia 22 fomos para nossa casa, onde fomos festivamente recebidos. Desde então vivo com minha Gretchen aqui e vivo feliz e tranqüilo. O casamento foi uma cerimônia triste para mim pois estava longe do querido pai, da minha mãe e irmãos. É realmente um dia significativo para a vida toda. É um dia no qual nos desligamos da mocidade e passamos a pensar mais seriamente no dia de amanhã e também por uma pessoa a mais. Assim querido pai, alegre-se comigo, porque uma vida melhor começou para mim.

Em sua última carta você pergunta se com a serraria não se poderia combinar outra renda-lavoura. Sim é possível fazer isto, mas não seria rendoso fazer anualmente uma roça nova junto à serraria. Teríamos que gastar muito tempo em cercar as plantações de cana-de-açúcar, mandioca, pois onde há tantos bois é necessário fazer isto. E, no entanto, preciso anualmente fazer uma pequena roça para plantar milho, feijão e batata e ampliar o pasto. Este pequeno trecho pode ser cercado sem grandes despesas e conservado até a safra. Agora grandes plantações como cana, mandioca e café requerem muito trabalho e conservação.

O nosso moinho estará pronto até a chegada dos utensílios de ferro, que esperamos para dentro em breve. Muitos pequenos acidentes atrasaram sua construção e encareceram o mesmo. As freqüentes chuvas causaram inundações, atrasando o trabalho dos diques e quase todo o trabalho de terras. A floresta estava tão cheia de mosquitos e outros insetos, devido a umidade, que foi impossível trabalhar fora durante este tempo. Estamos porém esperançosos em que logo tudo esteja pronto. Que os Starkes conseguiram bem próximo ao moinho 50 Morgen de terra eu já lhe escrevi. Igualmente Schmitter conseguiu um bom emprego onde ganha diariamente 18500 mil reis. Ele, por algum tempo, estava bem mal, mas agora está melhor. Assim também Ricke sofreu muito com a aclimatização, mas foi culpa tanto dela como do marido. Você sabe que Ricke sofre facilmente de inflamação dos olhos e qualquer resfriado a coloca doente de cama. Mesmo assim não segue meus conselhos e anda descalça de manhã à noite. Em verdade, as conseqüências da aclimatização atacam em especial a família Starke, mas mesmo assim não perderam o ânimo. Todos estão alegres e satisfeitos por terem escapado da miséria da Alemanha e as perspectivas de progredir são grandes.

Você acha que eu deveria mais tarde reunir outra vez a velha Fischer com seus filhos, mas isto meu pai, creio que vai ser di-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

fícil e também contra a vontade dela. Agora a velha empregou sua filha Sophie na casa do nosso construtor de moinho, o norte-americano, onde recebe por mês 4\$000 mais a comida. Mas é um absurdo a mãe ter empregado esta criança lá distante, dois dias de viagem na barra do Itajaí, e com pessoas que só falam inglês e português. Eu tinha conseguido um lugar para ela com meus sogros a 3\$000 mil réis mensais mais comida junto com alemães e perto da família. Mas esta oferta não foi aceita, o que muito me aborreceu. No entanto, a velha pode ficar aqui em casa o tempo que quiser desde que não faça exigência de salário.

Dr. Blumenau ainda continua no Rio de Janeiro e bombardeia o governo por auxílio à colonização alemã e outras benfeitorias. Mas estes seus pedidos ainda estão bem distantes de serem atendidos. Ele também quer a igualdade dos protestantes com os católicos, para que possamos construir igrejas tão bonitas quanto eles, com torres, sinos, etc., o que até agora não foi permitido. Também pediu Dr. Blumenau o pagamento de um pastor evangélico em sua colônia. Seu pedido de dinheiro ao governo elevou-se a 140\$000 mil réis. Com este dinheiro pretende construir pontes e estradas na colônia, bem como uma estrada até Lages. Se ele conseguir esta estrada para que possamos receber o belo gado direto de lá, estará colocada a base para uma prosperidade sólida, dificilmente encontrada em outro local no sul do Brasil.

O Imperador está muito a favor do Dr. Blumenau, mas tem pouca influência entre os seus,

que vêm em Blumenau apenas um explorador e aproveitador, pois o governo anteriormente já foi enganado por alemães. Agora porém o Dr. Blumenau está mais esperançoso, pois o imperador está mais ativo, dá grandes almoços para os quais convida ministros e o próprio Dr. Blumenau. Assim esperamos que ele traga boas notícias.

A pouco tempo recebi a notícia de que a diretoria em Dona Francisca seria extinta e o príncipe de Joinville pessoalmente assumiria a colonização. Mas podem começar o que quiserem. Dona Francisca nunca será nada, mesmo sendo administrada por entendidos ou mesmo príncipes. Agora com o emprego de tanto dinheiro vai se arrastando, faça idéia se este faltar: tudo vai ruir e agüentem as autoridades quando os pobres colonos clamarem por pão.

Se os Starkes não estão escrevendo a culpa não é minha, pois muito eu falei. É difícil fazê-los entender alguma coisa à qual não estão acostumados, como escrever. Mandam lembranças a todos os parentes e amigos. Estas cartas vocês provavelmente receberão através de Gaertner que em breve vai partir para a Alemanha. Ele prometeu visitar vocês, o que também fará, tenho certeza. Aqui tudo vai bem, dia a dia minha amizade com Rodatz se consolida. Os irmãos Kellner enviam abraços. A cuiá que Gaertner leva para vocês é de um tatu, cuja carne é deliciosa. O animal pesou 5 quilos.

Agora lembranças e abraços a todos de seu filho

Julius.

(Tradução de Edith S. Eimer)

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

Maria Batista Nercolini

10º. Capítulo

Documentário extraído de
documentos originais

1888 — 1988 — UM SÉCULO DE LIBERDADE PARA NOSSOS IRMÃOS

Um documento oferecido por Sebastião de Souza, um dos líderes no meio estudantil, imprensa escrita e falada de nossa comunidade, refere-se à VENDA DA ESCRAVA PURCINA. Junto a estes detalhes, divulgamos, hoje, a foto da conhecida TIA JACINTA, a última escrava de São Joaquim. Ela viveu até a década de 1940. O documento pertence ao arquivo do sr. Theófilo Mattos e, entre outras curiosidades, diz, que a escrava Purcina foi vendida por quarenta mil réis, cujo imposto de transferência foi pago no exercício de 1883 a 1884. O título do documento é: "Imposto de meia siza por venda de Escravos".

"NA VIRADA DO SÉCULO" 1899

Carta encontrada na Fazenda Barreiro, do Cel. Cezário Joaquim do Amarante, hoje pertence a bisneta do mesmo.

A casa foi construída pelos irmãos Marcos e Domingos Fontanella.

Marcos foi um dos primeiros imigrantes que veio para São Joaquim, casado com Madalena de Bona Sartor, também de Belun, Itália. Continuou em nosso meio exercendo sua profissão, construiu a 2.ª cadeia pública por 9 contos de réis conforme notícia a "GAZETA JOAQUINENSE" de 1909 e outras obras.

Pelas suas virtudes tornou-se digno do respeito de nossa gente. Foi Juiz de Paz e de Direito em exercício. Faleceu em agosto de 1949. É o clã da grande e tradicional FAMÍLIA FONTANELLA. A carta diz o seguinte:

"Fazenda do Barreiro, 31 de dezembro de 1899.

Esta data lembrará aos herdeiros desta casa a época em que foi principiada sendo o dono dela, o Sr. Major Cezário Joaquim do Amarante, digno



Tia Jacinta



Marcos Fontanella

Superintendente da Comarca de São Joaquim, o primeiro do mesmo cargo que dispensou o estipêndio.

Lembrai-vos que o mesmo vosso antecessor, foi um honesto e distinto cidadão; fez parte das colunas Republicanas, porém urnas e não de armas. Amante do progresso e da paz, viveu em plena tranqüilidade com a sua esposa, Exma. Sra. Dona Belizária, filha legítima do Exmo. Cidadão Cel. João Ribeiro. E apesar de não terem herdeiros, criaram um sobrinho e uma so-

brinha como fossem seus próprios filhos. Srs. herdeiros: se um dia fostes obrigados a reconstruir a casa, guardais escrupulosamente a bênção de DEUS que neste tempo nada existe...

Os pedreiros foram MARCOS E DOMINGOS FONTANELLA, filhos da Itália, Província de BELLUNA, MUNICÍPIO LONGARINE, FREGUESIA DE FONNS, hoje residentes na Colônia URUSSANGA.

MARCOS FONTANELLA"
(Cópia autêntica do original)

ATA DO ASSENTAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA 2.^a IGREJA - 1918

Foi iniciada em 1918 e recomeçada a construção em 1937, pelo Padre João Batista Vieceli, de saudosa memória.

Toda de pedra ferro estilo medieval de grande beleza externa.

"PARA QUE A POSTERIDADE VEJA NELE A EXPRESSÃO DOS ESFORÇOS DA GERAÇÃO PRESENTE."

Ata do assentamento da pedra fundamental da nova Matriz de São Joaquim da Costa da Serra.

Aos vinte dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e dezoito depois do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, terceiro domingo deste mês, vigésimo nono ano da República Brasileira, quinto ano da terrível Guerra Européia, sendo Sumo Pontífice Sua Santidade o Papa Bento XV e Bispo desta Diocese de Florianópolis o Exmo. e Revmo. D. Joaquim Domingos de Oliveira, sendo Presidente da República o Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, Governador deste Estado de Santa Catarina o Exmo. Sr. Dr. Hercílio Pedro da Luz, Superintendente deste município de São Joaquim da Costa da Serra o Exmo. Sr. Cel. Cesário Joaquim do Amarante, e sendo membros da Comissão encarregada da construção das obras os Srs. Cel. Cesário Joaquim do Amarante, Bacharel José da Fonseca Nunes de Oliveira, Capitães José Caetano Pereira Machado, Boanerges Pereira de Medeiros, Francelizio Pinto de Arruda, Bacharel Hortêncio de Oliveira Goulart e Cyrillo Luiz Vieira, na presença de muitos fiéis, depois de celebrada uma Missa Solene, em que, com grande manifestação de fé e de amor religioso, o povo implorou por fervorosas súplicas o auxílio de todos, digo, de toda a corte celestial, após as preces e cântigos prescritos pelo Ritual, o Revmo. Pe. João Casale, vigário desta Paróquia, revestido de paramentos, lançou bênção a este lugar e solenemente colocou aqui esta primeira pedra da nova Matriz a construir-se conforme a planta elaborada, cujas obras serão executadas pelo Sr. Marcos Fontanella e cujos pedreiros digo, e cujo padroeiro será o glorioso São Joaquim.

Que Deus Nosso Senhor cujas misericórdias não têm número e cujo tesouro de bondade é infinito, faça descer e permanecer a bênção de sua virtude celeste sobre este lugar sagrado, sobre todos os moradores desta paróquia, a fim de que todos que aqui se reúnam para rezar, recebam sempre e em maior abundância a proteção de sua divina Majestade. Queira também o Senhor Onipotente abençoar os nos-

sos humildes trabalhos que fazemos para sua glória e honra, para que todos nós vejamos levantada a nova Igreja para aumento de nossa piedade e eterna salvação. Nessa jubilosa esperança fica encerrado este documento para que a posteridade veja nele a expressão dos esforços da geração presente e passe aos séculos vindouros como prova dos sentimentos de fé que animam o espírito deste povo.

Eu Cyrillo Luiz Vieira Secretário a escrevi:

Assinados:

Pe. João Casale, José da Fonseca Nunes de Oliveira, Cesário Joaquim do Amarante, Boanerges Pereira de Medeiros, Cyrillo Luiz Vieira, Hortêncio de Oliveira Goulart, José Caetano Pereira Machado, Francelizio Pinto de Arruda, Oscar Alves Ferreira, Francisco Pereira de Medeiros, Egidio Martorano, Francisco Ribeiro de Medeiros, Manoel José Pereira, José Caetano do Amaral, Manoel Pinto de Arruda, José Caetano do Amaral, Jacinto Goulart, Cândido Joaquim do Amarante, Juvenal da Silva Mattos Joaquim Pereira de Medeiros, Leonel Palma, Inácio Pereira, João Anselmo Pereira, Antonio Pereira Sobrinho, Sebastião Couto de Figueiredo, Inácio Pereira Machado, Octacilio Machado do Amarante, Gaspar Motta, Gregório Pereira da Cruz, Boanerges Machado, Francisco Pereira de Souza, Sebastião Pereira da Cunha Mattos, Antonio Córdova, Jacintho Rebello Flôres, Ovidio Pereira Machado, João Inês de Medeiros, Antônio Anastácio Nunes, Manoel Pereira de Souza, Manoel Flôres de Souza, Augusto Pires Ferraz, Basílio Florêncio Pereira, Abílio Inocência de Mattos, Genovêncio da Silva Mattos, Marcos Fontanella, Aristides Pereira, Aristides Cassão, Joaquim Anacleto Rodrigues, Garibaldi Velho, Belisário Córdova".

Nota: Transcrevemos acima, esta ata (cópia) que estava em poder do Sr. Alcidomiro Cruz.

São Joaquim, 15 de abril de 1963.
Ass.: Pe. Blévio Oselame — Pároco.

BACHAREL HORTENSIO GOULART

1890 — 1925

Nasceu a 20 de agosto de 1890, na então vila de São Joaquim da Costa da Serra, filho do Major Jacinto da Silveira Goulart e de Isabel (Beia) Nunes Goulart.

Era casado com Julieta Furtado Goulart, filha do saudoso Cel. Sebastião Furtado, advogado serrano, político e orador consagrado. Foi deputado estadual por São Joaquim na primeira década deste século.

Teve o casal os seguintes filhos: — Alceu, Daura Consuelo, Maria Julia e Eloá Furtado Goulart.

Em 1907 iniciou-se nas primeiras letras no Colégio 2 de Maio, dirigido pelo Professor e Jornalista Adolfo Martins, estabelecimento este que ministrava os cursos primários e secundários e que funcionou entre 1906 a 1909, na pequena e pacata vila de São Joaquim de então. Neste Colégio primou sempre como aluno exemplar, inteligente e estudioso, obtendo seguidamente as melhores notas, tanto que, em 1908, ingressou no Colégio da Conceição de São Leopoldo — RS., onde foi matriculado já no 2.º ano ginasial.

Do tradicional colégio jesuíta de São Leopoldo — onde se formaram tantos nomes ilustres — gaúchos e catarinenses, se transferiu em março de 1909, para o Ginásio de Santa Catarina, nosso atual Catarinense. Já nos primeiros meses se colocava entre os melhores alunos, com notas altas. Depois de uma brilhante trajetória estudantil — admirado pelos seus mestres e respeitado e querido pelos seus colegas, bacharelou-se em ciências e letras, por volta de 1911. Era o primeiro título de Bacharel conquistado por um joaquinense.

Numa das salas especiais do antigo Ginásio Catarinense, se via até não muitos anos, pendurado na parede, um quadro de honra ao mérito no qual figurava em primeiro plano o nome do brilhante jovem joaquinense.

Com o seu casado de Bacharel voltou à sua terra natal, onde veio a ser figura saliente nos meios políticos e sociais da região serrana. Talento robusto, cultura aprofundada — pontificou nos movimentos culturais de então. Fez teatro, jornalismo e oratória, se tornando um dos mais exuberantes

oradores que São Joaquim já teve. Na política exerceu o cargo de conselheiro municipal (vereador). Foi várias vezes apontado como candidato a Deputado Estadual pelo nosso Município mas interesses políticos, nem sempre juntos, se antepunham sempre à vontade do povo joaquinense. E assim São Joaquim deixou de ter no Parlamento Catarinense, uma voz autêntica e enérgica na defesa de seus direitos e reivindicações, deixando de marcar a sua presença na alta esfera política da capital barriga-verde com a figura moça e cheia de civismo de Hortensio Goulart.

Em 1921, decepcionado com a política do seu partido — o P. R. C., alçou-se no primeiro grande movimento político após a proclamação da República, liderado pelo saudoso ex-presidente Nilo Peçanha — a Reação Republicana —, quando se dedicou a uma pregação cívica admirável.

Em 1923, mais precisamente, a 28 de janeiro, foi eleito Presidente do Conselho Municipal, tendo uma atuação brilhante.

Logo depois a doença foi pouco a pouco, minando o seu organismo ainda tão jovem — nos seus trinta e cinco anos. E a 29 de janeiro de 1925 fenecia aquela vida que tanto prometia e que tantas esperanças despertava no seio do seu Povo. — Era o fim.

(Autoria de Theofilo Mattos)

Dados colhidos em documentos antigos da época. Patrimônio da Biblioteca Pública Municipal de São Joaquim. Documento enviado pela mesma.

SERRA RIO DO RASTO

Apresentamos uma ata dos primeiros movimentos para a grande conquista. Onde líderes como: Boanerges Pereira de Medeiros, Superintendente de São Joaquim, Hercílio Vieira do Amaral, Deputado Estadual e demais componentes da Diretoria, lutavam até com seus próprios recursos para o que hoje vemos concretizado.

(documento oferecido pelo Dr. Hamilton Ribeiro Vieira)

Ata da reunião realizada nesta sede de Bom Jardim, para se tratar dos preliminares do projeto da Estrada de Rodagem — Lauro Müller-São Joaquim. Ao primeiro dia do mês de maio do ano de mil novecentos e vinte e sete,

nesta sede de Bom Jardim, pelas dez horas, no salão principal do Clube Bom-jardinese, presentes os cidadãos Boanerges Pereira de Medeiros, Superintendente Municipal, Hercílio Vieira do Amaral, Deputado Estadual, Dr. Walter Nelterli, Joaquim Goulart, Intendente Distrital, e crescido número de fazendeiros e criadores deste distrito, realizou-se uma reunião com o fim de tratar-se dos preliminares da estrada a construir-se de Lauro Müller a São Joaquim.

Com a palavra o engenheiro Sr. Dr. Nelterli, encarregado dos estudos e do traçado da referida estrada, concitou aos moradores desta zona a contribuir com a maior cota possível para a realização da importante obra, demonstrando as vantagens extraordinárias que da mesma poderão advir para o município. Com a palavra o Sr. Major Superintendente disse reconhecer ser o presente projeto de construção velha e sonhada aspiração do povo joaquinese; que ele como Superintendente Municipal, se comprometia a fazer todo o possível em prol da realização do grande melhoramento, que em feliz momento se projeta; em seguida foi organizada uma Comissão encarregada de angariar contribuição para a consecução da obra em questão e do mesmo tempo tratar de todas as coisas que se relacionarem com a mesma. Comissão esta que ficou assim constituída: Presidente: Adolpho José Martins
1.º Vice-Presidente: Joaquim Goulart

2.º Vice-Presidente: Argymiro Vieira do Amaral
Secretário: Viriato Alves Garcia
Tesoureiro: Vitorino Rodrigues Machado

Acto continuo abriu-se a primeira lista de contribuições entre os presentes, a qual montou a soma de vinte e um contos de réis. Nada mais havendo a tratar-se deu-se por terminada a reunião e mandou o presidente que se lavrasse a presente ata, que vai por todos assinada.

O Presidente Adolpho José Martins, 1.º Vice-Presidente Joaquim Goulart, 2.º Vice-Presidente Argymiro Vieira do Amaral, Secretário Viriato Alves Garcia, Tesoureiro Victorino Rodrigues Machado.

(Assinaturas originais): Boanerges Pereira de Medeiros e Hercílio Vieira do Amaral.

(Cópia do original conservando a grafia)

ERRATA

Leia-se à página 319 do 8.º capítulo: "Vimos na Revolução Federalista que um dos objetivos dos gaúchos era combater a longa permanência de Julio de Castilho, no governo do Estado.

Este passou a Borges de Medeiros, (Antonio Augusto Borges de Medeiros) em 1898, governando até 1928. (Com interrupção de 1913-1918)".

VOCE SABIA?

— QUE o hospital de Bella Aliança (hoje Rio do Sul), foi inaugurado no dia 25 de dezembro de 1924?

— QUE em princípios de 1925, o Senado Federal aprovou uma verba de quatro mil contos de réis destinados à continuação da Estrada de Ferro Santa Catarina, trecho Subida-Trombudo e Blumenau-Itajaí?

— QUE durante o ano de 1924, aconteceram, na comarca de Blumenau, 1.635 nascimentos masculinos, 1.668 femininos, num total, durante aquele ano, de 3.303 nascimentos? Estão incluídos todos os distritos da época.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Fundação "Casa Dr. Blumenau" recebe valiosos benefícios da Alemanha

Três participações de três importantes setores da Alemanha Federal, acabam de trazer importantes benefícios à Fundação "Casa Dr. Blumenau", para seus diversos setores de atividades.

Primeiramente foi o Consulado da RFA, em Curitiba, que transferiu para esta instituição a quantia de Cz\$ 27.144,60, representando o resultado do câmbio de 600 marcos destinados a auxiliar as obras de edificação da nova casa da gráfica desta Fundação que é responsável pelas edições da revista "Blumenau em Cadernos". O cheque respectivo foi entregue no último dia 15, ao diretor desta Fundação, pelo Cônsul Honorário em Blumenau, sr. Hans Prayon.

Já no dia 21 também deste mês de janeiro, o jornalista José Gonçalves, diretor da Fundação, recebeu das mãos do Chefe de Gabinete do prefeito Dalto dos Reis, Jorge von Hertwig e, em nome deste, contando com a presença ainda do sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã junto ao Gabinete Municipal, a quantia de 600 marcos, representada por um cheque assinado pelo prefeito Gerhard Glogowski e pelo prefeito administrativo Dr. Joachim Körner, da cidade de Braunschweig, também destinados ao custeio das obras para a gráfica.

Na mesma oportunidade, o Sr. Jorge von Hertwig, também em nome do prefeito Dalto dos Reis, passou às mãos do diretor desta Fundação, um volume contendo onze envólucros repletos de microfilmes todos procedentes dos arquivos históricos do Estado de Wolfenbüttel, da Baixa Saxônia, documentos estes que são cópias de correspondência remetida e recebida pelo Dr. Blumenau durante os anos em que administrou a colônia por ele fundada.

São gestos que caracterizam a vontade destas cidades e do próprio governo da RFA, através do seu Consulado, de contribuir sempre que necessário para o melhoramento das condições das instituições blumenauenses que atuam no campo da cultura e da história, como é o caso da Fundação "Casa Dr. Blumenau" através da Biblioteca, do Arquivo Histórico e do Museu da Família Colonial.

O texto das cartas que acompanharam as referidas doações, dizem bem do empenho daquelas instituições de contribuir. A da cidade de Braunschweig, enviada através do sr. Alfredo Wilhelm, diz o seguinte: "Braunschweig, 9 de dezembro de 1987. — Alfredo Wilhelm — para o Gabinete do prefeito municipal Dalto dos Reis. — Blumenau. — Prezado Senhor Wilhelm: Louvamos o projeto da Fundação "Casa Dr. Blumenau" de restaurar a casa da tipografia localizada atrás da antiga casa em que morava o Dr. Hermann Blumenau. Comprovando os laços de amizade existentes entre as cidades de Braunschweig e Blumenau, gostaríamos de doar uma importância de 600 marcos alemães. Esta importância será depositada em sua conta por intermédio do banco "Norddeutsche Landesbank". Desejamos bons resultados para esta iniciativa. Com os melhores votos de um Natal e o Ano Novo

de 1988 felizes, despedimo-nos com os nossos atenciosos cumprimentos. Gerhard Glogowski, prefeito. Dr. Joachim Körner, prefeito administrativo”.

A carta dirigida ao prefeito Dalto dos Reis pelo diretor do Arquivo Histórico da Baixa-Saxônia em Wolfenbüttel, diz o seguinte: “Em 18 de dezembro de 1987. — Exmo. Sr. Dr. Dalto dos Reis, prefeito municipal de Blumenau — SC. — Ref: Carta do Governador do Estado da Baixa-Saxônia de 20.10.87. — Prezado Senhor Oberbürgermeister. — Por iniciativa do sr. Dr. Ernst Albrecht, Governador do Estado da Baixa-Saxônia, Vossa Excelência receberá, por mala separada, gratuitamente, micro-filmes dos documentos históricos do Arquivo do Estado em Wolfenbüttel e perdidos nas enchentes de 1983/84 na Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Por breve confirmação do recebimento desta documentação, destinada ao Arquivo Histórico de sua cidade, seríamos muito gratos.

Na esperança que assim contribuimos para a reconstrução da documentação histórica de sua cidade, despedimo-nos com atenciosos cumprimentos. Dr. Scheel — diretor do arquivo”.



Flagrante do momento em que o Chefe do Gabinete do prefeito Dalto dos Reis, Jorge von Hertwig, fazia entrega, em nome do prefeito, ao diretor da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, jornalista José Gonçalves, do cheque procedente de Braunschweig, no valor de 600 marcos, destinados a auxiliar no custeio da construção da nova casa da gráfica da Fundação. Presente ao ato, ainda, o sr. Alfredo Wilhelm, através de cuja ação foi obtido este auxílio daquela cidade alemã, tendo o cheque sido emitido em seu nome.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente
— Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA